

## **POSSIBILIDADES E ENTRAVES: OS DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Gaylha Wégila de Oliveira  
Graduanda em Letras Português – UEPB  
*E-mail: [gwegila@gmail.com](mailto:gwegila@gmail.com)*

Fabiana Fernandes de Oliveira,  
Graduanda em Letras Português – UEPB  
*E-mail: [fabiferolli@gmail.com](mailto:fabiferolli@gmail.com)*

Grasyelly Alves de Oliveira Borges  
Graduanda em Letras Português – UEPB  
*E-mail: [grasyelly.alves@gmail.com](mailto:grasyelly.alves@gmail.com)*

Sarah Vicente Cabral  
Graduanda em Letras Português – UEPB  
*E-mail: [sarahcabral728@gmail.com](mailto:sarahcabral728@gmail.com)*

Orientadora: Kátia Farias Antero  
*Universidade Estadual da Paraíba; Faculdade Maurício de Nassau (Campus-Campina Grande);.Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Cultura e Diversidade – NUPEDI/IFPB - CNPQ*  
*[professorakatiaantero@hotmail.com](mailto:professorakatiaantero@hotmail.com)*

### **Resumo:**

Nesta pesquisa serão avaliados alguns critérios e aspectos relacionados a EJA, no contexto do ensino de língua portuguesa. Objetivamos avaliar e mensurar as possibilidades e entraves nesta modalidade. Foram aplicados formulários com questões objetivas aos alunos do 5º ciclo, do turno da noite, de uma Escola Estadual situada na cidade de Campina Grande- PB, a fim de fazer o levantamento dessas informações. Desejamos identificar qual o perfil do aluno da EJA e quais as implicações disso nas metodologias que devem ser aplicadas pelo docente de língua portuguesa em sala de aula. Nesse artigo, identificaremos os fatores que englobam as possíveis dificuldades e possibilidades, e os perfis desses alunos.

**Palavras-chave:** EJA, ensino, práticas pedagógicas, educação.

## **INTRODUÇÃO**

A educação de jovens e adultos é hoje uma modalidade muito importante para a área da educação e muito procurada por jovens e adultos, que por algum motivo atrasaram a conclusão do seu grau de escolaridade. Entender o perfil dos alunos nesta modalidade e compreender os motivos pelos quais os alunos a escolhem, possibilita a escola e aos docentes a criação de metodologias e sistemas de ensino que realmente garantam o aprendizado e sucesso desses alunos.

Sendo a EJA desafiadora para os docentes, hoje apresenta-se como uma modalidade bastante diversificada, desta forma objetivamos com esta pesquisa, verificar o perfil dos alunos na modalidade EJA, em uma escola de Campina Grande – PB, e refletir sobre os desafios encontrados para o ensino de língua portuguesa, bem como refletir sobre os aspectos que levam o aluno a escolher a EJA, e o que estes aspectos dizem respeito a escola regular.

Esta pesquisa é de cunho quantitativo e qualitativo, uma vez que foram aplicados questionários aos alunos, para fazer o levantamento das informações. A partir do resultado destes questionários foi feita uma análise interpretativa e um comparativo com a literatura da área para tentar compreender estes dados em todos os seus aspectos, políticos, históricos, econômicos e sociais. Para o levantamento das informações a quantidade de entrevistados foi de 35 alunos.

## **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O QUE É E A QUEM SE DESTINA?**

A história da educação no Brasil começou na fase de colonização liderada pelos Jesuítas, que objetivava a propagação da fé cristã, para que os habitantes brasileiros estivessem aptos a serem catequizados, fossem eles indígenas adultos ou crianças, por isso, pode-se afirmar que foi nesse período que iniciou a Educação de Jovens e Adultos.

A Educação de Jovens e Adultos foi de fato instaurada em 1940, quando foi definida como política nacional, com a Constituição de 1934 que trouxe a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário para todos.

Em 1996 foi definida a LDB nº 9.394/96, que assegura o direito de jovens e adultos que por condições sociais, econômicas, entre outras, que não puderam cursar o ensino regular na faixa etária adequada terem acesso a um ensino básico gratuito adequado às suas condições, e atribui essa responsabilidade ao poder público.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade

de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. BRASIL (2017 p.32-33).

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 foi um divisor de águas para a modalidade de ensino EJA, pois trouxe verdadeira importância e um olhar definitivo para essa classe que já passara por tanta mudança sem sucesso. Definiu-se então a EJA, segundo JASKULSKI (2014, p.417), “como categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional, com finalidades e funções específicas”.

Os indivíduos a que se destinam a EJA, tiveram por muitos motivos que abdicar da vida escolar. Por justificativa financeira, em outros casos por falta de acesso até a cidade onde se encontra a escola, muitas vezes o aluno tem que se locomover a longas distâncias, o que torna inviável a ida até a escola. Há os casos em que muitas mulheres ficam impossibilitadas de ir assistir as aulas porque não tem com quem deixar seus filhos. Às vezes, o empecilho encontra-se em casa por meio dos familiares que não oferecem apoio suficiente à volta para o âmbito escolar. Também existe a falha na Instituição Pública que não investe em melhorias para atrair e fixar o alunado, que constantemente chega à escola cansado após um dia exaustivo de trabalho. Os altos índices de repetência são um dos fatores que causam também a evasão escolar.

A EJA não pode ser vista apenas como instrumento alfabetizador, mas como ferramenta de letramento, de inserção na vida acadêmica, no exercício da cidadania, na criação da autonomia crítica, na habilidade e uso da leitura e escrita, seja em qualquer campo da semiótica. Voltada para o desenvolvimento dos saberes já adquiridos pelos indivíduos ao longo da vida, respeitando a individualidade e capacidade de aquisição de novos saberes e adequação seja no âmbito escolar ou não.

A EJA não deve ser uma reposição da escolaridade perdida, como normalmente se configuram os cursos acelerados nos moldes do que tem sido o ensino supletivo. Deve, sim, construir uma identidade própria, sem concessões à qualidade de ensino e propiciado uma terminalidade e acesso a certificados equivalentes ao ensino regular. (GADOTTI; ROMÃO 2006 p.121).

Portanto, o ensino estará sempre ligado a realidade cotidiana do aluno, como ratifica Freire (2002), as práticas de ensino utilizadas pelo professor em sala de aula, deve ser baseada na realidade do educando, considerando suas histórias de vida e suas experiências, dessa forma aproxima o ambiente escolar, a vida acadêmica à realidade diária e prática desse alunado incluindo-o como indivíduo dessas vivências e não apenas como expectador.

## **O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**

Como podemos perceber no tópico descrito anteriormente, não é de hoje que a educação no Brasil tem sido uma problemática a ser discutida constantemente por todos os atuantes da área, a incessante expectativa de uma política aprimoradora da educação brasileira não acaba. Ao afunilar essa questão e chegarmos a um ponto mais delimitado, rapidamente encontraremos a problemática no ensino de EJA no nosso país, se a educação brasileira como um todo já é um aspecto carregado de deficiências sociais e políticas; a EJA como parte desse grande todo não fica de fora ao ser atingido por tais falhas presentes na educação.

O ensino denominado como supletivo foi implantado em 1971, com a única finalidade: instrumentalizar os adultos a ler e escrever; por uma necessidade de torná-los aptos a um novo mundo que nascia, o mundo moderno. Porém, ainda assim os objetivos não eram alcançados satisfatoriamente, porque como de praxe não havia apoio político financeiro.

O mundo contemporâneo, continua a encarar o ensino de EJA como puramente uma necessidade de alfabetização e diminuição dos percentuais que nos caracterizam como um país de grande nível de analfabetos, nos distanciando do real sentido da educação como propõe os documentos oficiais. “Para além da alfabetização, cada vez se afastou mais, nas políticas públicas, das conquistas e reconhecimento do valor da educação como base ao desenvolvimento humano, social e solidário” (PAIVA, 2006 p.26)

Então, geralmente os docentes e os demais constituintes da área educacional caem na consistente ideia do sistema, de levar em conta sempre a aparente incapacitação dos aprendizes do EJA e a aplicação de práticas desassociadas a realidade dos discentes em busca de

seguir o “roteiro” sistematizado e imposto por uma política que não visa “à preocupação com a felicidade e com o desenvolvimento humano” Córdova (2008, p.71) afastando-se do dever de “Superar as atitudes de mera repetição de conteúdos que muitas vezes nem foram compreendidos.

O educando possui um conjunto de experiências que podem ser conhecidas e reconhecidas no seu processo educativo” Souza (2011, p.142) sem ter o aluno como agente participante do seu processo de aprendizado, tendo-o apenas como mero personagem secundário, divergindo assim do que Paulo Freire defende ao expor que (2002, p.58), o ato de conhecimento necessita de constante diálogo entre educando e educador, dessa forma o educando deve assumir o papel de sujeito criador.

Tendo em vista os dados colhidos por essa pesquisa, percebemos que, ao observar o fator “por que estudo na EJA” o gráfico aponta que 54% dos estudantes afirmam que reprovaram mais de dois anos em toda a trajetória estudantil e 31% passou muitos anos sem estudar e encontram na EJA a oportunidade de reaver os anos escolares perdidos. Este é o perfil dos estudantes que estão situados na política educacional nomeada “supletivo”, claramente é sobre alunos imbuídos do direito de receber práticas pedagógicas específicas que os facilitem no processo de conhecer e os tornem indivíduos hábeis a toda e qualquer manifestação enunciativa, social, política e cultural que eles se encontram.

Felizmente, a professora da EJA que contribuiu para a realização dessa pesquisa; encontra-se ciente do seu dever e dos direitos dos alunos, atuando de forma inteiramente eficaz, adaptando esforçadamente suas práticas de maneira que os seus aprendizes sintam-se possuidores da capacidade de ser e atuar em toda situação que se deparem, nesse mundo partidário e sistemático.

## **RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNOS DA EJA**

O aluno da EJA já traz consigo uma carga de conhecimentos de mundo que precisa ser valorizado pela instituição, afim de que, a mesma possa adotar formas mais simples e objetivas de usar essa bagagem já contida no aluno para que o mesmo tenha capacidade de amoldar seus conhecimentos com os produzidos e construídos pelos professores através da sala de aula, pois como afirma Freire (1996, p.12): “ensinar não é transferir conhecimento, **mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção**” (Grifo nosso).

O que vemos em alguns casos, é que o professor tenta transmitir conhecimentos aos alunos de forma que eles não conseguem entender o conteúdo ensinado, porque está fora da realidade na

qual muitos deles estão inseridos. Tem que haver, portanto, por parte das instituições de ensino um bom planejamento pedagógico que leve em conta a faixa etária dos alunos, as condições que o fizeram abdicar do ensino convencional e optar por esta modalidade de ensino, assim como também sua classe econômica e social. Há, nesse sentido uma mescla bem diversa de todos os tipos de alunos que se possa imaginar.

É necessário, portanto, uma relação intrínseca entre professor e aluno para que estes dois possam, de maneira harmoniosa, trabalhar cada um no que lhe diz respeito para que a educação ocorra de maneira fluente e dinâmica, pois a esse respeito Freire (Idem, p. 12) afirma, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. ”

O ato de ensinar, exige por parte do educador, uma capacidade crítica de que ele precisa despertar no educando a curiosidade do querer aprender e isto como aponta o autor, está atrelado ao fato de professor e aluno andarem juntos, numa linha tênue que faça com que o educando, sinta-se capaz de ir buscar na fonte do conhecimento os saberes para sua vida social, profissional e intelectual.

Na referida escola, na qual foi realizada a pesquisa para este trabalho, vemos a enorme variedade e diversidade de classes social, faixa etária e condições que levaram aos alunos procurarem tal modalidade de ensino. Por isso, ensinar exige por parte do educador uma relação amistosa de respeito e consideração com os conhecimentos pré-existente do indivíduo enquanto aluno. Para isso, faz-se necessário, uma constante avaliação crítica por parte do professor ao aluno que adentra o ambiente escolar, como aponta Freire (1996), é necessário que o professor considere os saberes socialmente construídos nas práticas comunitárias e discuta com os alunos a relação entre os saberes e o ensino.

Durante a pesquisa observamos que o docente em sala de aula, ao instigar o aluno ao aprendizado, trouxe para sala de aula, acontecimentos do cotidiano deste, fazendo com que este, ficasse à vontade para interagir e aprender o conteúdo que estava sendo transmitido durante o processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a maior missão do professor em sala de aula da EJA é saber mesclar todas as diferenças presentes em seus alunos, e formular assim um método que seja capaz de introduzir o conteúdo desejado para aprendizagem do mesmo, de maneira que esse trabalho seja feito de forma coerente e ajustado para todos que se encontram no ambiente escolar, como nos mostra Freire (Idem), observa que é preciso análise crítica do professor sobre a prática em sala de

aula para que ela esteja sempre em harmonia com a teoria.

## COMO A ESCOLA PODE CONTRIBUIR COM ESSE PROCESSO

Assim como o docente, a instituição de ensino tem ligação direta com esse processo de ensino-aprendizagem do aluno da EJA, porque ela será o vínculo entre professor e aluno. É através da contínua ajuda e colaboração da escola que o professor terá à sua disposição ferramentas necessárias para aplicação de métodos utilizados na sala de aula.

A escola precisa ser democrática e abrangente, abrigando dessa forma as mais variadas culturas, tornando-se capaz de atrair o aluno para este espaço sem que ele relute contra isso ou se sinta constrangido.

É a escola como instituição que promove o saber científico que tem que capacitar o docente e trazer para ele as condições necessárias às práticas pedagógicas. Esta instituição precisa ser democrática e flexível para tornar a prática docente algo realmente eficaz para os alunos por que de acordo com Freire (Idem, p. 96):

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. **Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento.** Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (Grifo nosso).

É indissociável que a relação entre escola/professor/aluno seja harmoniosa e fluente. Não há como o docente praticar sua função sem que a escola não forneça a este, os meios necessários para tal. A Lei de Diretrizes e Bases de 9.394/96 sobre o ensino da EJA assegura que: “O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”. Portanto caberá ao poder público disponibilizar as condições necessárias para que esta educação ocorra da forma mais harmoniosa possível.

Sendo assim, não só os professores, mas, também a instituição de ensino está diretamente ligada ao bom andamento do processo de aprendizagem do aluno. Seus administradores,

funcionários, o ambiente, o material utilizado em sala de aula, tudo isso está interligado para que ocorra um bom processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA.

## **METODOLOGIA**

Para a obtenção dos dados analisados nesta pesquisa, foram aplicados questionários com questões objetivas e abertas, a alunos de duas turmas (5º ciclo/ 2º ano) da EJA, em uma Escola Estadual na cidade de Campina Grande – PB. A partir destes questionários foram levantados dados quantitativos e qualitativos que serão expostos a seguir. Estes dados foram relacionados com as literaturas disponíveis na área, trazendo uma reflexão aprimorada sobre o tema.

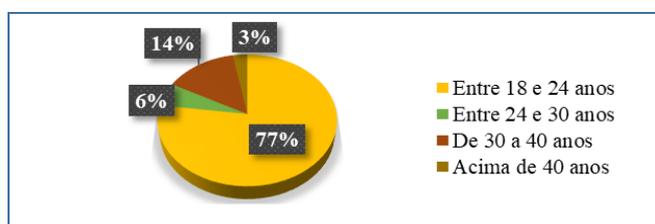
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A seguir serão apresentados os principais resultados da pesquisa, e alguns aspectos serão avaliados: como idade, fator social, motivações, dificuldades e aspectos subjetivos relacionados ao contexto escolar.

### **FATOR IDADE**

Na pesquisa mencionada anteriormente, um dos critérios analisados foi o fator idade. Em relação a faixa etária dos Alunos da EJA, observemos o gráfico a seguir:

**Gráfico 1: Faixa Etária**



Fonte: In Locus

De acordo com a pesquisa, 77% dos alunos estão entre 18 e 24 anos. 6% estão entre 24 e 30 anos, 14% estão entre 30 e 40 anos e apenas 3% estão acima de 40 anos.

O fator idade é um elemento fundamental na elaboração de ferramentas pedagógicas para a Educação de Jovens e Adultos. Para um adequado aprendizado do aluno, o professor deve elaborar atividades que estejam de acordo com a idade destes, pois como afirma Garcia et al (2013), a proposta pedagógica pode garantir o sucesso ou o fracasso de aprendizagem destes alunos.

Segundo os autores supracitados o fracasso pode ocorrer, por exemplo, quando o docente não desconsidera a faixa etária de seus alunos e aborda conteúdos de forma infantilizada.

Ao trabalharmos com a EJA, segundo GADOTTI (2003, p. 120-121), “Deve-se levar em conta a diversidade destes grupos sociais: perfil socioeconômico, étnico, de gênero, de localização espacial e de participação socioeconômica”.

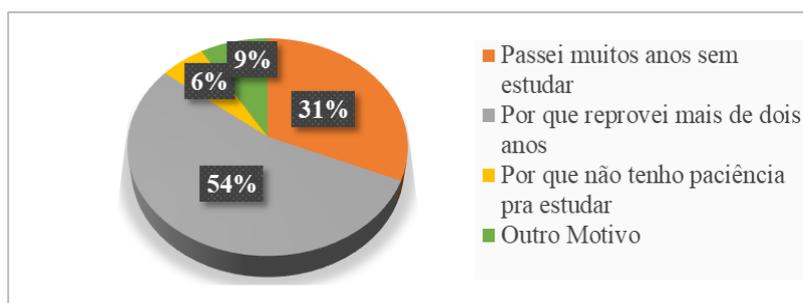
Como podemos observar a partir dos dados apresentados acima, a EJA apresenta um número cada vez maior de pessoas com faixa etária abaixo de 30 anos. Este é um fato que vem progressivamente ocupando a atenção de educadores e pesquisadores na área da educação. O número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço. (BRUNEL, 2004, p. 9).

Ainda em relação a idade, SOARES (2002, p. 13-14), fixa a idade de 14 anos para o ingresso em cursos de EJA do ensino fundamental e de 17 anos para o ingresso em cursos de EJA do ensino médio. Assim como pode-se observar nos resultados apresentados nesta pesquisa, cada vez mais jovens com idades abaixo de 24 anos, que estão com o andamento escolar atrasado, procuram esta modalidade de ensino. Esta procura ocorre por diversos aspectos, que serão comentados posteriormente neste artigo, e já mencionados também anteriormente.

Para Carvalho (2009, p. 7804), “em seu percurso histórico, a Educação de Jovens e Adultos – EJA - vem sofrendo um processo de renovação na faixa etária de seu alunado, isto é, um processo de juvenilização”.

Para compreendermos esta procura cada vez maior por esta modalidade do ensino, na pesquisa, foram feitos os levantamentos dos principais motivos que levam um aluno a escolher a EJA, para conclusão do seu grau de escolaridade. A seguir apresentamos um gráfico com os principais resultados. Vejamos:

**Gráfico 2: Por que estudo na EJA**



Fonte: In Locus

Conforme podemos visualizar no gráfico, 54% dos entrevistados afirmaram escolher a EJA, por terem reprovado mais de duas séries na escola, na modalidade regular, 31% afirmaram ter passado muitos anos sem estudar, 6% afirmou escolher a EJA, por não ter muita paciência para estudar, assim agilizando o processo, uma vez que na EJA, conclui-se de forma mais rápida que no ensino regular. Entretanto 9% afirmou ter outros motivos para a escolha. Como gostar da escola e da professora.

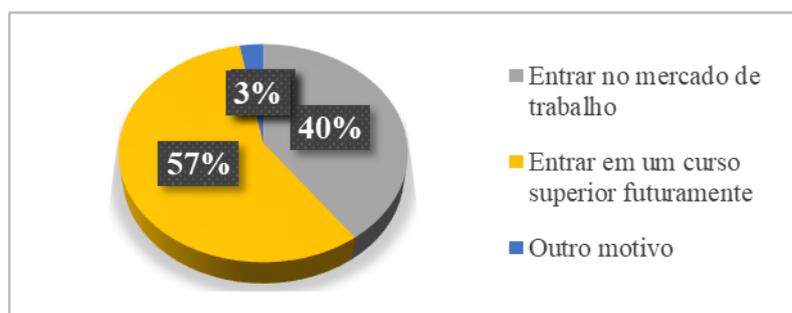
Esse resultado nos traz uma pergunta: O que levou estes alunos, especificamente 54% deles, reprovarem na modalidade regular, pelo menos dois anos? Uma vez que os resultados da pesquisa mostraram que estes alunos não apresentam nenhuma dificuldade cognitiva, e que as reprovações não ocorreram nos primeiros anos escolares, podemos inferir que estas reprovações foram resultado de desinteresse em relação a escola, pois esta já não atendia aos anseios da sua idade.

## FATOR SOCIAL

Outro fator analisado na pesquisa, e de grande importância para o entendimento dos dados é o fator social, fator este colabora significativamente para os resultados coletados nesta pesquisa. Assim de acordo com Carvalho (2009, p. 7805), “O ingresso cada vez mais antecipado dos jovens no mercado de trabalho, a esperança de conseguir um emprego, principalmente das camadas de baixa renda, tem provocado uma grande demanda nos programas de EJA, inicialmente destinados a adultos, em virtude da minoria jovem”.

O pensamento de carvalho fica comprovado pelo resultado da pesquisa, que de acordo com o gráfico abaixo, nos mostra um percentual significativo de alunos da EJA, preocupados com sua qualificação para o mercado de trabalho.

**Gráfico 3:** Estudo para



Fonte: In Locus

De acordo com o gráfico, 40% dos entrevistados, estudam para conseguir entrar no mercado de trabalho. Temos apresentado no gráfico também um outro resultado bastante gratificante, 57% dos entrevistados afirmaram estar concluindo o ensino médio, na modalidade EJA, para entrar em um curso superior.

Estes resultados nos permite uma reflexão, e possibilita um repensar sobre o perfil do aluno da EJA, precisamos ver este aluno não como “o aluno problema”, aquele que está na EJA, por que sentiu dificuldades no ensino regular. Corroborando com ARROYO, que afirma:

Um novo olhar deverá ser construído, que os reconheça como jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos. Percursos sociais onde se revelam os limites de ser reconhecidos como sujeitos dos direitos humanos. Vistos nessa pluralidade de direitos, se destacam ainda mais as possibilidades e limites da garantia de seu direito a educação (ARROYO, 2005, p. 23).

Sobre a atuação profissional no exato momento da pesquisa, 57% afirmaram que não estavam trabalhando no momento, em contrapartida 43% afirmaram trabalhar. Ou seja, temos um percentual bem significativo de jovens com idade para o mercado de trabalho, que ainda não conseguiu o seu primeiro emprego, mas que está no caminho certo, buscando esta oportunidade através da escolarização.

Ainda nesta pesquisa, foram avaliados os sentimentos dos alunos em relação a disciplina de língua portuguesa e o aprendizado deles nesta. Dos entrevistados, 57% afirmaram ter algumas dificuldades na disciplina, mas que estavam vencendo, 17% afirmou que gosta da disciplina, mas que tem dificuldades em acompanhar a turma, outros 17% afirmou não ter nenhuma dificuldade.

Em relação ao estado civil dos pesquisados, 66% afirmaram ser solteiros, 28% casados, e o restante do percentual se enquadra na categoria outros.

Pode-se desta maneira, através dos dados apresentados, comprovar a diversidade no perfil desta modalidade de ensino, deixando claro o desafio para o professor de língua portuguesa: desenvolver estratégias pedagógicas, para serem usadas em sala de aula, que atendam as demandas e necessidades de todos estes perfis, garantindo o aprendizado e sucesso na vida escolar destes alunos.

## CONCLUSÕES

Ao final destas reflexões podemos perceber que o cenário da educação de EJA no Brasil, vem transformando-se ao longo dos tempos. Como apresentado nos resultados, existem alguns novos desafios que devem ser analisados pelo professor desta modalidade, um destes é o fator idade, no qual houve a mudança mais significativa nesta escola pesquisada. O olhar sobre o aluno da EJA também precisa ser repensado, sob o ponto de vista do perfil e das necessidades destes alunos, pois um dos resultados surpreendentes foi em relação as expectativas dos alunos com a conclusão desta etapa escolar, almejando entrar no ensino superior. Esta pesquisa pode contribuir de forma significativa para uma melhor compreensão do perfil dos alunos e elaboração de propostas de ensino que efetivem o aprendizado do aluno.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB nº 9394/1996)**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI; ROMÃO. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 8. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006 – Guia da escola cidadã; v.5)

JASKULSKI, Claudia Helena Dutra da. **A educação de jovens e adultos no Brasil e o papel da língua adicional nesse contexto**. Palimpsesto, Rio de Janeiro, n. 19, out– nov. 2014, p.414-426.

LOPES, Selva; SOUZA, Luzia. **EJA: uma educação possível ou uma mera utopia?** Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), São Paulo, v.5, 2005.

PAIVA, Jane; MOURA, Dante Henrique; MACHADO, Lucília; SANTOS, Simone Valdete dos; **EJA: Formação técnica integrada ao ensino médio**. Boletim 16, Rio de Janeiro, 2006.